

estrema

Revista Interdisciplinar de Humanidades
Interdisciplinary Review for the Humanities

Para citar este artigo / To cite this article:

Santos, Áurea Regina do Nascimento e Algemira de Macedo Mendes. 2015. "A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana". *estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades* 7: 103-121.



Centro de Estudos Comparatistas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centre for Comparative Studies

School of Arts and Humanities/ University of Lisbon

<http://www.estrema-cec.com>

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

Áurea Regina do Nascimento Santos¹
Algemira de Macedo Mendes²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir como a poligamia é apresentada como uma forma de definir papéis de gênero seguindo e reforçando a tradição da sociedade moçambicana de acordo com os romances: *Balada de Amor ao Vento*, *O Alegre Canto da Perdiz* e *Niketche: uma História de Poligamia*, da autora Paulina Chiziane. A narrativa de Paulina Chiziane tem ajudado a construir a resistência e a identidade das mulheres moçambicanas após muitos anos de escravidão, colonização, aculturação e negação de seus direitos. Tais conflitos deixaram marcas indescritíveis em seus corpos e em suas almas, mas, através da escrita literária feminina, elas conseguem resistir contra a opressão, lutar pela conscientização dos seus valores dentro de sua própria cultura e sociedade, e, finalmente, conquistar independência. A autora desafia as regras de uma sociedade marcada pela cultura patriarcal, usando sua própria voz, no contexto pós-colonial de um país de Língua Portuguesa como uma forma de recuperar a memória ancestral de seu povo e, em particular, das mulheres, oferecendo uma nova significância para elas. Por isso, o trabalho de Paulina Chiziane aponta para o questionamento e para a ruptura do que aprisiona e oprime as atitudes e desejos das mulheres em seus romances.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; Gênero; Moçambique.

Abstract: This work aims to discuss how polygamy is presented as a way of defining gender roles following and reinforcing the tradition of Mozambican society according to the novels: *Balada de Amor ao Vento*, *O Alegre Canto da Perdiz* e *Niketche: uma História de Poligamia*, by Paulina Chiziane. This works have helped to build resistance and identity of Mozambican women after many years of slavery, colonization, acculturation and denial of rights. Such conflicts left unspeakable marks on their bodies and souls, and through female literary writing, those women can resist against oppression, fight for

¹ Áurea Regina do Nascimento Santos é Docente de Língua Inglesa do Instituto Federal do Piauí. Graduada em Letras pela UESPI. Mestranda em Letras pela UESPI e orientanda da Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes. E-mail: aureasantos@ifpi.edu.br

² Algemira de Macedo Mendes é Professora Adjunta IV da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Graduada em Letras pela UESPI, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e Pós-doutoranda na Universidade de Lisboa. E-mail: algemacedo@ig.com.br

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero
na sociedade moçambicana

awareness of their values in their our culture and society, and, finally, conquer independence. The author defies the rules of a society marked by patriarchal culture, using her own voice, in the postcolonial context of a Portuguese speaking country as a way to recover the ancestral memory of her people and, particularly, of women, offering them a new meaning. Thus, the work of Paulina Chiziane points to the questioning and disruption of what imprisons women's attitudes and desires in her novels.

Keywords: Paulina Chiziane; Gender; Mozambique.

Este trabalho propõe-se a analisar três romances da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que apresenta sua obra literária a partir de um contexto muito particular ao escrever em um país que até poucos anos atrás foi colonizado por Portugal, e que, após a guerra de independência, no início do processo de descolonização, viveu uma intensa guerra civil, obstruindo o desenvolvimento do país e cerceando o direito à cidadania de seus habitantes, principalmente, as mulheres. Além disso, busca-se discutir como a poligamia é apresentada como uma forma de definir papéis de gênero seguindo e reforçando a tradição da sociedade moçambicana

A análise dos romances *Balada de Amor ao Vento*, *Niketche: uma História de Poligamia* e *O Alegre Canto da Perdiz* busca identificar as personagens femininas retratadas em cada um deles. Para tanto, observaremos como essas mulheres são apresentadas no contexto colonial/pós-colonial, durante o processo de construção da identidade nacional.

A voz dessas mulheres foi usurpada e silenciada pela “subalternização” (Spivak 2010), e, portanto, a proposta é realizar uma

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

leitura a fim de verificar de que forma ocorre a construção identitária da mulher moçambicana no período colonial e pós-colonial, a sua importância dentro da sociedade e como se dá a imposição da sua voz. Para isso observam-se aspectos relevantes como cultura, tradição, aculturação, contexto histórico e a assimilação imposta pelo colonizador europeu. Pretende-se também abordar os aspectos da cultura africana na tessitura de sua narrativa.

Sendo mulher moçambicana, Paulina Chiziane deu voz às mulheres de seu país duplamente colonizadas durante o período de escravização. Muitas mulheres foram violadas, outras perderam filhos e maridos no tráfico de escravos, nos exílios, nas fugas ou mortes, nas guerras e conflitos armados; viveram muitos sofrimentos advindos da opressão do colonizador, tendo, assim, sua voz cada vez mais silenciada.

Nascida em 4 de junho de 1955 em Manjacaze, na província de Gaza, ao sul de Moçambique, Paulina Ricardo Chiziane é a mais conhecida escritora moçambicana na atualidade. Como escritora, ela tem sido bastante ativa por muitos anos, tendo publicado, entre outras produções, na revista *Tempo*, um ensaio intitulado *Eu, Mulher... por uma nova visão do mundo*, cinco romances – *Balada de Amor ao Vento*, *Ventos do Apocalipse*, *O Sétimo Juramento*, *Niketche: uma História de Poligamia* e *O Alegre Canto da Perdiz* –, e a coleção de contos *As Andorinhas*. Além disso, ela editou, junto com a escritora angolana Dya Kasembe, uma coletânea de ensaios de mulheres angolanas que sobreviveram à guerra civil intitulado *O Livro da Paz da Mulher Angolana: as Heroínas sem Nome*. Com isso, Paulina

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

Chiziane apresenta uma notável produção literária, quando comparada a outras autoras moçambicanas.

De acordo com Chiziane (2009), “ser escritora é uma ousadia” e sua escrita é uma forma de estar no mundo, de existir, de conquistar seu espaço na sociedade. Nascida em uma família modesta da etnia Tsonga, Paulina fala Chope e teve uma educação bastante tradicional, que definiu claramente os papéis que tanto homens quanto mulheres deveriam desempenhar. Quando sua família se mudou para a atual cidade de Maputo no início dos anos de 1960, além de aprender ronga e português, ela pôde observar a continuidade entre os dois tipos de educação que estava tendo – tradicional e católica – em relação aos papéis predefinidos das mulheres.

A autora afirma que,

Apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo. A educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também ensinava a obediência e a submissão e preparava as raparigas para serem boas donas de casa, de acordo com o princípio cristão. (Chiziane 1994, 14)

Sua observação atenta das condições sociais discriminatórias era o seu ponto de partida para começar a pensar e a escrever sobre a condição humana, em geral, e das mulheres, em particular. Livros, especialmente, os da poeta portuguesa Florbela Espanca, bem como as histórias que a avó costumava contar ao redor da fogueira tiveram um grande impacto sobre Chiziane.

Portanto, logo depois que começou a produzir seus próprios textos, Chiziane começou a sonhar em escrever um romance: um sonho que foi

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero
na sociedade moçambicana

adiado porque ela se casou e queria se tornar o que ela tinha sido educada para ser - uma boa esposa. No entanto, seu casamento não deu certo e isso a fez pensar com maior profundidade sobre a sua condição social e a de outras mulheres, um tema que se tornou sua maior inspiração:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afetivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam. (Chiziane 1994, 12)

Tendo atuado ativamente na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) quando era mais jovem, Paulina decepcionou-se com o movimento político do partido Marxista-Leninista que assumiu modelos ocidentais que pouco se relacionavam com os ideais moçambicanos. Assim, Chiziane critica a política da FRELIMO ao retratar em seus romances a “cultura fragmentada do país” (Martins 2006, 73).

Além disso, sua própria experiência como uma mulher negra lutando para escrever um romance, publicá-lo e ser reconhecida como uma autora, dentro da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) dominada por homens, a influenciou significativamente (Chabal 1994, 298-299).

Assim, sua escrita oferece, frequentemente, reflexões sobre essas limitações, apontando simultaneamente para alternativas que recuperam e reciclam certos princípios socialistas.

Embora ela não concorde que seu trabalho seja rotulado de feminista, Paulina Chiziane declarou que seu primeiro romance, *Balada de*

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero
na sociedade moçambicana

Amor ao Vento, é um livro bastante feminista de forma que, nas palavras da autora: “a minha mensagem é uma espécie de denúncia, é um grito de protesto” (Chiziane in Chabal 1994, 298.)

Paulina Chiziane criou personagens femininas muito ricas e importantes, cuja complexidade permite a observação não apenas de papéis de gênero pré-definidos, mas também de como sua suposta previsibilidade foi utilizada no contexto de guerra.

O romance *Niketche: uma História de Poligamia* surgiu como uma consequência do trabalho de Chiziane na província da Zambézia, ao norte de Moçambique, onde ela teve a oportunidade de fazer contato com tradições culturais matriarcais que eram muito diferentes das patriarcais que ela conhecia: de acordo com a autora, as disparidades culturais eram tão significativas que ela realmente se sentiu uma estrangeira no seu próprio país.

Em *O Alegre Canto da Perdiz*, que também retrata a Zambézia, ela expressa seu espanto com a experiência da mestiçagem e da interação entre raças. Este romance precisou de uma grande quantidade de pesquisa histórica sobre um tema que tem vários níveis de complexidade em um país como Moçambique, que contém muitos ‘países’ dentro dele.

Em uma entrevista dada a Gil Filipe (2009), um repórter do jornal moçambicano *Jornal de Notícias*,³ Chiziane afirmou que, com este romance, ela esperava para fazer uso de suas próprias experiências na

³ A entrevista, intitulada “Hasteámos a bandeira e parámos de discutir o projecto de nação – Alerta Paulina Chiziane, que convida moçambicanos para um debate afogado... pelo tempo”, está disponível no blogue <http://carmoeditora.blogspot.com.br> (acesso: 1 de Junho de 2015)

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

Zambézia e de especificidades históricas de toda a região para reabrir o debate sobre o projeto de nação e da identidade nacional:

É um povo muito sofrido, sei que outros povos que formam o povo moçambicano também sofreram, mas ali... É na sua terra onde o regime colonial português experimentou as suas grandes teorias de miscigenação, falando concretamente das teorias políticas de Gilberto Freyre. É uma coisa que se sente, ou seja a pessoa entra naquela terra e sente que “aqui houve alguma coisa”. Eu colocava-me questões como “como foi possível, o que é que aconteceu, como é que se deu este processo? E foi com muita mágoa que eu percebi que a materialização destes grandes princípios políticos e filosóficos foi feita no corpo das mulheres. Portanto, é o sangue delas que, de certa maneira, esteve no prato da balança para a construção deste projecto de nação. (2009)

Desde o seu primeiro romance, Chiziane tem construído universos femininos desenhados em constantes fusões entre tradição e modernidade, que proporcionam um encontro criativo entre ficção e realidades históricas como, por exemplo: a guerra civil, em *Ventos do Apocalipse* (1999); a assimilação, em *Balada de Amor ao Vento*; a reinvenção da mulher, em *Niketche: uma História de Poligamia*.

Chiziane tenta fornecer leituras da sociedade moçambicana, colocando as mulheres e a voz feminina no cerne da discussão e desafiando os limites de sua idealização dentro da nação socialista. Ao observar a existência, ou não, de uma escrita feminina que relaciona conteúdos temáticos à identidade de gênero, constatamos que a narrativa de Paulina Chiziane materializa a condição da mulher moçambicana, contextualizando-a social e culturalmente.

De acordo com Anselmo Peres Alós (2012, 2), “quando se passa a trabalhar com a literatura de autoria feminina” é que se percebe o

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

compromisso político com os processos históricos de consolidação da sociedade moçambicana.

Em suas obras, Paulina Chiziane junta sua voz à de outras moçambicanas ao tempo em que prefere definir-se, como revela em entrevista concedida ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de 21 de Março de 2001, “uma contadora de histórias”, já que sua inspiração vem “dos contos à volta da fogueira”, sua “primeira escola de arte”.

Paulina Chiziane retrata em todos os seus romances o Moçambique atual, dividido entre a tradição e a vida moderna, as culturas ancestrais e autóctones e outras que vieram posteriormente, por influência do Islã, da China, da Índia e, sobretudo, do Cristianismo.

Falando dessa diversidade e riqueza culturais, Paulina Chiziane confessa:

Em Moçambique temos dois mundos familiares distintos: por tradição, um mundo matriarcal no norte e um mundo patriarcal no sul. Contudo, com a influência do islamismo no norte, este tornou-se patriarcal e poligâmico; e o sul, tradicionalmente poligâmico, viu essa prática ser proibida com o socialismo e contestada pelo catolicismo. Ora estes processos de mudança geram conflitos e tensões que perduram. (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 21 de Março de 2001)

Obviamente, os conflitos e tensões sempre presentes na sociedade moçambicana, afetam o dia-a-dia das famílias e, principalmente, o das mulheres que continuam a viver muitas situações de injustiça social neste país africano.

Normalmente, o enfrentamento das consciências femininas e masculinas nas sociedades em que vivem, leva ao estabelecimento das

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero
na sociedade moçambicana

relações de desigualdade e opressão e não ao estabelecimento de relações de reciprocidade.

Considerando que a consciência masculina é o polo dominante na espécie humana e que se concebe sempre como o Eu, à consciência feminina é atribuído o lugar do Outro.

Obviamente, do lado do Eu encontramos os valores positivos e desejados, enquanto do lado do Outro encontramos valores negativos. A consideração da mulher como o Outro, com a valorização negativa, ajuda a perceber a situação da inferioridade e da opressão em que vivem muitas mulheres.

Ao mesmo tempo, a relação dominante/dominado, sempre pode ser invertida, pelo menos teoricamente. Pois, como constata Kate Millet (1970):

[...] a forma 'natural' da sociedade, biologicamente baseada na força física do homem e nos efeitos 'debilitantes' da maternidade na mulher, dois elementos importantes que justificam a subordinação da mulher como consequência inevitável em função das circunstâncias. [...] as instituições políticas e sociais raramente se apoiam na força física, mas são geralmente baseadas em escalas de valores, ligadas a outras forças sociais e técnicas. (Millet 1970, 75)

Paulina Chiziane usa a literatura como arma de combate contra *ostatus quo* das coisas. Deste modo, os romances, que são objetos deste estudo, *Balada de Amor ao Vento*, *Niketche: uma História de Poligamia* e *O Alegre Canto da Perdiz* têm uma importante função social a cumprir. São histórias pedagógicas e moralizantes.

Nesta perspectiva, pode dizer-se que Paulina Chiziane ajusta a sua criação a outro tipo de intencionalidade que vai para além dos fins

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

puramente literários e estéticos: a crítica à sociedade patriarcal e a vinculação a um sentido moralizador.

Esse caráter moralizador fundamenta-se por um lado, na transmissão, através das protagonistas, do conhecimento da tradição religiosa e cultural, do significado das práticas de magia, feitiçaria, dos rituais de morte e viuvez, dos rituais de iniciação sexual, através do relato das normas e tabus existentes nas relações familiares e entre homem e mulher.

Por outro lado, Paulina Chiziane mostra nos seus romances que não são só algumas das tradições autóctones que podem oprimir a mulher moçambicana. Também os novos costumes levados à África pelos portugueses, enraizando a mentalidade e a visão do mundo europeus, provocaram uma grande confusão na sociedade moçambicana e não facilitaram a vida das mulheres.

No presente turbulento, as protagonistas dos romances de Paulina Chiziane devem enfrentar-se com o choque cultural que supõe o (des)encontro entre as culturas ocidentais e as autóctones africanas, efetuado nos períodos colonial e pós-colonial, e, ao mesmo tempo, com as contradições que resultam da sua situação enquanto mulheres, que, por uma parte, devem responder às exigências da tradição, e, por outra, às novas demandas e normas que a sociedade moderna introduz na cultura moçambicana.

É justamente o confronto entre a tradição e a modernidade em Moçambique e as suas consequências na vida das mulheres que despertam o interesse da escritora, como podemos observar no trecho a seguir:

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

O problema da poligamia escondida, para mim, é também, um grande problema. Eu prefiro aquele indivíduo que me mostra a sua verdadeira face do que aquele que a esconde. Porque é de fato o que se diz: a poligamia mudou de vestido. Porque esses homens todos têm quatro, cinco, dez mulheres em qualquer canto por aí. Têm filhos com duas, três, quatro mulheres todas juntas. São filhos que, porque crescem numa sociedade de monogamia, não se podem reconhecer. São crianças fruto de uma situação como a que vivemos hoje, uma situação de adultério. Mas numa sociedade de poligamia já não acontece isso, as coisas são mais abertas. A situação de adultério que vivemos hoje é muito pior do que a poligamia. (Chiziane in Chabal 1994, 299)

Dois temas povoam as obras de Paulina Chiziane: 1) poligamia contraposta ao modelo da família monogâmica, e 2) crenças tradicionais, ritos de passagem, o mundo dos feitiços e da magia contraposto às religiões cristãs impostas pelo colonizador português.

Observa-se que durante o relato de histórias que contemplam os temas mencionados, o que interessa a Paulina é o lugar da mulher neste entrecruzar das mentalidades, crenças e costumes diferentes.

É interessante observar que muitos dos escritores africanos não se consideram escritores, mas “contadores de histórias”. Nas obras de Chiziane, que escreveu, dentre outros livros, *Niketche: uma História de Poligamia* (2008) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), todos objetos de estudo deste artigo, a forte influência da tradição oral revela o cotidiano em que a autora cresceu em Moçambique.

A autora teve o privilégio de uma formação escolar, tendo acesso, portanto, à língua portuguesa que, segundo ela própria, não era a língua falada em sua família, como conta na entrevista a Patrick Chabal (1994), revelando que sua língua materna é o chopee que, em Maputo, se fala ronga, além de seu pai ter sido sempre muito resistente ao regime colonial e à assimilação portuguesa. Esse embate de línguas vivido pela autora e por

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

muitos moçambicanos reflete-se na sua escrita que incorporou o espírito da tradição oral, mesmo usando o português como a principal língua de expressão escrita.

Em meio à produção da literatura pós-colonialista dos países africanos de língua portuguesa, Paulina Chiziane destaca-se por ser a primeira mulher a escrever e publicar um romance em Moçambique, provocando, assim, uma abertura no cânone literário africano. Ela problematiza em suas obras a questão do feminino, e o faz com propriedade tanto em *Niketche* (2008), como em *Balada de Amor ao Vento* (2003) e em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008).

Paulina Chiziane faz parte da primeira geração de escritores de Moçambique pós-colonial e sua ficção permite uma leitura a partir da crítica pós-colonial, observando os constructos que delineiam uma ruptura com o modelo colonizador materializado pelo “pensamento diaspórico” (Hall 2000, 17).

Paulina Chiziane, habilmente, utiliza-se de narradoras que, além de narrarem histórias que se voltam à temática da condição feminina, também têm a consciência de que ser uma mulher atuante em outras esferas além do privado, além do espaço doméstico e familiar em Moçambique, significa viver uma nova guerra, isto é, a de problematizar as relações de gênero em uma sociedade contemporânea que precisa entender que não há mais espaço para uma guerra entre os sexos, mas sim uma discussão que envolve o “reconhecimento das alteridades e seus possíveis pontos de intersecção” (Rosario 2010, 149).

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

No processo colonial, os colonizados deveriam assimilar as culturas e as normas ditas ‘civilizadas’ das culturas ocidentais. Neste processo, observa-se a construção de uma imagem apenas sexualizada da mulher moçambicana, e juntamente a isso, as projeções e perpetuações de imagens preconceituosas que desfiguraram e inferiorizaram a essência real dessa mulher.

Cremildo Bahule (2013, 128) argumenta que a “sexualidade da mulher é construída a partir da visão que o homem tem sobre o mundo”.

Em contraste, temos a representação positiva dessa mulher nos romances de Paulina Chiziane propagando tal imagem para contribuir com o fim da discriminação racial e da subjugação feminina.

De acordo com Dantas (2011, 14), os movimentos organizados de libertação de Moçambique, a afirmação da negritude e o fim do silenciamento africano contribuíram não só com a luta de todos os moçambicanos a se libertarem do colonizador, mas também levaram a mulher a refletir sobre o seu papel na sociedade, se engajando na mesma luta para poder se libertar não só da colonização, mas também do poder masculino.

Narrar a história de seu povo, principalmente a condição das mulheres, demonstra, na obra de Paulina Chiziane, uma preocupação com a experiência feminina, e, mesmo não se dizendo feminista, admite que suas obras são feministas e que refletir sobre a questão da mulher na sociedade é o seu objetivo enquanto escritora:

As próprias mulheres, quando escrevem, muito poucas vezes se debruçam sobre os problemas como mulheres. Em Moçambique, como em qualquer

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

parte da África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidades que tem na sociedade, o estatuto que tem dentro da família, na sociedade, é algo que de facto merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para uma mulher [...] Então, eu posso dizer, de certo modo – não gosto muito de dizer isso mas é uma realidade – é um livro feminista. Portanto minha mensagem é uma espécie de denúncia, é um grito de protesto. (Chiziane in Chabal 1994, 298)

Sabe-se que as manifestações materiais e discursivas de opressão da mulher, não apenas ocidental, vem de longa data e se relaciona a fatores de cunho sociológico, antropológico e psicológico, que envolvem aspectos relacionados à divisão social do trabalho e à própria procriação.

Sobre isso, Simone de Beauvoir (1980) argumenta que:

A história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos, desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. (Beauvoir 1980, 179)

Os textos de Paulina Chiziane apresentam o pensamento da mulher moçambicana e sua superação em meio às adversidades impostas pelo colonizador e pelas tradições patriarcais de seu próprio povo. Eles representam as mulheres como símbolo de uma resistência. A condição feminina e a construção de sua identidade no período pós-colonial foram marcadas pela imposição e pela força do colonialismo e mesclada com aspectos da cultura europeia.

De acordo com Dantas (2011), a colonização também impulsionou o povo a refletir e a reconstruir a identidade moçambicana após o fim da colonização. Daí a importância da literatura feminina como suporte na descolonização da mulher, porque ela fora duplamente colonizada.

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

Analisando cada uma das obras apontadas neste estudo, observamos a força que a escrita de Paulina Chiziane tem ao relatar situações consideradas tabus ao universo feminino de Moçambique.

Em *Balada de Amor ao Vento*, ‘o primeiro livro feminista que saiu em Moçambique’ (Chabal 1994, 229), Paulina Chiziane dá vida à personagem principal, Sarnau, para que ela possa apresentar-se aos outros como mulher.

Em *Niketche: uma História de Poligamia*, Rami é quem encarna a voz feminina que reclama seu lugar de mulher na sociedade moçambicana.

Já em *O Alegre Canto da Perdiz*, a vida da mulher moçambicana é personificada em Maria das Dores e em Delfina, ambas dominadas pelo poder hegemônico masculino.

As personagens dos três romances citados representam “os dilemas culturais, históricos e sociais vivenciados pela mulher moçambicana na atualidade” (Miranda 2013, 93).

Inocência Mata afirma que:

Paulina Chiziane, uma contadora de histórias sobre relações entre homens e mulheres, busca sempre representar lugares por onde caminha a condição de subalterna da mulher [...] e atualiza um discurso que inclui o questionamento e a denúncia, dando voz e criando espaços de reflexão ao sujeito que é silenciado, tendo como intuito apelar à mulher moçambicana para uma mudança consciente. (Mata 2007, 437)

Elaine Showalter (1994, 29) criou o termo *ginocrítica* para definir a relação entre mulher e escrita literária, com o objetivo de analisar a história, o estilo, os temas, os gêneros e a estrutura dos textos literários de autoria feminina; a criatividade feminina; a trajetória da carreira literária da mulher; e a evolução das leis da tradição literária de mulheres.

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero na sociedade moçambicana

De acordo com a ginocrítica, ao analisar a escrita de Paulina Chiziane, observamos que suas obras, pelo caráter de denúncia que possuem, apresentam características da escrita feminista, pois questionam o papel da mulher da sociedade.

Ou seja, a escrita literária feminina nas narrativas de Paulina Chiziane representa a voz e o canto das mulheres moçambicanas, a reconstituição de uma fala subalternizada, usurpada e reprimida durante esse longo período passado que muitas vezes ainda ecoa no presente.

Para este trabalho, foi realizada uma análise acerca da resistência e da identidade da mulher moçambicana após severos anos de escravização, colonização, aculturação e a negação dos seus valores através do estudo das personagens femininas nos romances de Paulina Chiziane. Discutimos os aspectos da representação da mulher moçambicana pelo olhar da autora, analisando como seus textos puderam também influenciar seu povo a buscar a afirmação da identidade moçambicana e a valorização de sua própria etnia.

A autora desafia as regras de uma sociedade marcada pela cultura patriarcal, usando sua própria voz, no contexto pós-colonial de um país de língua portuguesa como uma forma de recuperar a memória ancestral de seu povo e, em particular, das mulheres, oferecendo uma nova significância para elas. Por isso, o trabalho de Paulina Chiziane aponta para o questionamento e para a ruptura do que aprisiona e oprime as atitudes e desejos das mulheres em seus romances.

Mais do que retratar a situação feminina em um Moçambique colonizado, Paulina Chiziane põe em discussão como as negociações transculturais e as mudanças de sistemas políticos apenas perpetuaram a

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero
na sociedade moçambicana

submissão feminina, ao mesmo tempo em que, dando voz a essa personagem marginal da história do país, contribui para a reconstrução da identidade moçambicana no período pós-colonial.

Bibliografia

- Alós, Anselmo Peres. 2012. “O romance de autoria feminina em Moçambique: *Balada de Amor ao Vento*, de Paulina Chiziane”. *Todas as Letras T* 14 (2): 78-86.
- Bahule, Cremildo. 2013. *Literatura Feminina, Literatura de Purificação: O Processo de Ascese da Mulher na Trilogia de Paulina Chiziane*. 1ª ed. Maputo: Editora Ndjira.
- Beauvoir, Simone de. 1980. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2v.
- Chabal, Patrick. 1994. *Vozes Moçambicanas. Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Vega.
- Chiziane, Paulina. 1994. “Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo”. In *Eu, mulher em Moçambique*, coord. Ana Elisa de Santana Afonso. República de Moçambique: Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, 11-18.
- Chiziane, Paulina. 2003. *Balada de Amor ao Vento*. 2ª ed. Lisboa: Caminho.
- Chiziane, Paulina. 2008a. *Niketche: uma História de Poligamia*. 4ª ed. Lisboa: Caminho.
- Chiziane, Paulina. 2008b. *O Alegre Canto da Perdiz*. Lisboa: Caminho.
- Dantas, Luciana. 2011. “Identidade da Mulher Moçambicana nas obras de Noemia de Sousa e Paulina Chiziane”. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual da Paraíba.
- Hall, Stuart. 2000. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.

A mulher na narrativa de Paulina Chiziane: ressignificando papéis de gênero
na sociedade moçambicana

- Martins, Ana Margarida Dias. 2006. "The Whip of Love: Decolonising the Imposition of Authority in Paulina Chiziane's *Niketche: uma História de Poligamia*". *The Journal of Pan-African Studies* 3 (I): 69-85.
- Mata, Inocência e Laura C. Padilha (orgs.). 2007. *A Mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri.
- Millet, Kate. 1970. *Política Sexual*. Trad. Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Dom Quixote.
- Miranda, Maria Geralda de. e Carmen Lucia T. Secco. 2013. "Paulina Chiziane e a ousadia de escrever". In *Paulina Chiziane: vozes e rostos de Moçambique*, 13-22.
- Rosario, Lourenço do. 2010. *Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura*". Belo Horizonte: Nandyala,
- Showalter, Elaine. 1994. "A crítica feminista no território selvagem". In H. Buarque de Hollanda (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 23-57.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. 2010. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG.